



---

## O HOMEM ERRANTE E O PROBLEMA DO MAL SEGUNDO CHESTERTON

Phaulo Rycardo Souza Guilhon<sup>1</sup>

**RESUMO:** As devidas considerações que serão apresentadas, terão como escopo, conduzir o leitor à reflexão sobre o problema do mal, a partir da perspectiva de G. K. Chesterton. Sua história, e fatos ocorridos no mundo e, em sua pátria, a Inglaterra, são os vieses para se entender sua linha de raciocínio e, principalmente, para entender essa problemática que tanto o inquietou. Evidenciaremos como foi construído seu tempo, seu pensamento e seu processo de conversão à Igreja Católica, para, assim, passarmos às considerações de um homem, que soube usar do argumento como meio de humor e ironia. Chesterton não tem a pretensão de ofender seus inimigos, ou maltratá-los, mas tem como objetivo, construir uma rica crítica cordial, que está focada essencialmente na ferida do mundo, ou melhor dito, no grande problema do mal; o homem moderno é um ser incapaz de enxergar que sua filosofia e seu tempo são suficientes para expandir os males no mundo. Por fim, daremos destaques a esses males, que foram sendo desenvolvidos ao longo da história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chesterton; Mal; Igreja Católica; Homem Moderno; Diabologista.

Um problema, ou vários problemas, sejam quais forem, todos são erros criados para esconder algo. Logo, podemos dizer, que o mal é uma camuflagem<sup>2</sup>. O mal é visto como um sério erro, em que o homem acaba caindo, pela frágil natureza que se desenrola em duas condições; seja por consciência – um mal que é praticado pela situação na qual se encontra, e em agir por livre e espontânea vontade – ou por uma tremenda e terrível ignorância – em que o homem age sem saber que aquilo é um mal. Um exemplo está nas crianças, elas são inocentes em seus atos, portanto, não sabem distinguir entre o que é certo e errado ou entre o bem e mal. Em nenhum momento, o mal pode ser visto ou dado como resposta certa, e nem mesmo pode validar todas as respostas, pois, pode apresentar

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e estudante de teologia pelo Claretiano - Centro Universitário (CEUCLAR). E-mail: gphaulo@gmail.com

<sup>2</sup> A camuflagem a qual me refiro é um meio de não perceber e confundir aqueles que não conhecem ou não buscam conhecer o mal como ele é. Nesta perspectiva, um conhecimento do mal de forma coerente tende à capacidade de saber que o mal não é o que o bem é, ambos têm seu significado próprio. A palavra mal e bem derivam do latim, mal – *malum* –, que consiste numa calamidade ou desgraça. Enquanto o bem – *bonum* –, significa algo que tenha utilidade.

contradições, principalmente, quando o bem se confunde com o mal, ou quando o mal se confunde com o bem. Neste sentido, se entra em um grande paradoxo.

Podemos correr o risco de dizer que Chesterton sempre se deparou com o mal e apresentou, muitas vezes, em suas obras aquilo que mais o inquietou, visto que seu tempo já foi uma consequência disso<sup>3</sup>, assim como foi para outros gênios e pensadores. Não obstante isso, o problema do mal para ele não tem seu nascimento igual a uma flor, que pela manhã está bela e ao entardecer esmorece; o mal vem sempre por um erro que foi tolhido e coberto, ou seja, uma espécie de somatização de vários erros em uma caixa. Usamos aqui um exemplo: uma criança que vai encher uma caixa com água e deixa-a, enquanto se diverte com seus amigos, não percebe que logo irá transbordar. De fato, ela tem certeza de uma coisa: que a caixa encherá em algum momento, entretanto, se não tomar cuidado, a caixa poderá transbordar; da mesma maneira, o mal vem sempre acompanhado dessa falta de percepção, muitas das vezes, vem salientar de alguma forma um acontecimento e, uma vez que se queira evitar, a sua manifestação se explicita.

A grande questão, o mal foi apresentada por vários filósofos e teólogos, e talvez, não apenas por aqueles que estão à frente de um escopo mais humano; todo ser humano, por menor que seja o seu conhecimento, sabe que o mal é uma causa que nos deixa “desassossegados”. Santo Agostinho<sup>4</sup> redigiu sobre a questão do mal, e dedicou uma pequena obra sobre esse assunto inquietante, no entanto, sempre esteve incomodado com este sério problema, principalmente, quando teve que travar uma intensa luta contra os maniqueístas<sup>5</sup>. Também o filósofo alemão Leibniz<sup>6</sup> em seus argumentos elaborou e forjou a palavra *Teodiceia*, para apresentar que Deus é bom e o mal não é uma situação que vem

---

<sup>3</sup> Sobre o tempo e suas inquietações, foram apresentadas com mais prioridade no primeiro capítulo deste trabalho, sendo assim, o leitor deve ficar atento aos fatos ocorridos em sua época e suas principais influências.

<sup>4</sup> Agostinho de Hipona (354-430) foi um dos maiores filósofos da patrística latina, Agostinho foi um verdadeiro mestre do ocidente e suas obras destacam-se: *Confessiones*; *Retractationes*; *Contra Academicos*; *De libero arbitrio*; *De Trinitate* e *De civitate Dei*.

<sup>5</sup> O maniqueísmo surgiu no século III, o fundador declarou ser o Paráclito, isto é, aquele que veio com o objetivo de guiar a doutrina cristã à perfeição. Esta doutrina acreditava no mundo de forma dualista, é um dualismo ontológico, pelo qual aparecem dois princípios, o princípio da luz (bem) e o princípio das trevas (mal). A concepção de mal que os maniqueístas tinham era de uma substância que estava presente no universo, porém, a sua doutrina não se baseava somente no mal como princípio absoluto cosmogônico. O bem estava também presente e se este estivesse diante de um deus que é do bem, não poderia gerar algo mal no mundo. Alcançada essa determinação, chega-se à conclusão de que duas substâncias existentes e eternas se enfrentam, e o bem se sobressai ao mal, pois, o bem refere-se à prevalência da alma, enquanto o mal refere-se a matéria.

<sup>6</sup> Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) ficou conhecido em seu tempo como o gênio universal, ele foi um filósofo e cientista que trabalhou na área da matemática e da teologia como também na jurisprudência. Suas obras destacam-se: *Monadologia e Princípios da Natureza Humana* e *Ensaio de Teodiceia sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*.

do Criador. Mesmo que esses filósofos tenham fundamentado de maneira peculiar o mal, Chesterton, não só não exclui nenhuma dessas ideias, como contribui nesta jornada árdua e emocionante.

O filósofo inglês era um grande leitor e devoto das obras de Santo Tomás de Aquino<sup>7</sup> das quais dispensamos qualquer elogio pois para ele, o Doutor Angélico é aquele santo homem que foi um remédio para a Idade Média<sup>8</sup>. Partindo dessas ideias, ele apresentará aos seus leitores não uma novidade, nem mesmo algo desconhecido; o que será defendido não é o mal, mas o bem, entretanto, em nenhum momento o mal é deixado de lado, como aquilo que se deve evitar e tomar cuidado. Todas as vezes que algum homem tenta explicar o mal, ou o próprio bem, sempre se depara com analogias, daquilo que se possa ver e daquilo que se possa tocar. O homem, na sua limitada cognoscibilidade, tende sempre a fundamentar – a sua própria existência e a existência de Deus – por meio de exemplos, pois estes são os meios essenciais, isto é, aquilo que o homem comum usa na sua perfeita sanidade. De fato, em uma época em que o conhecimento fica desvalorizado, o homem tende sempre a caminhar por estradas escuras, acreditando que seja clara e vice-versa<sup>9</sup>.

Podemos observar que aqueles povos arcaicos, como os filósofos gregos, não tinham tanta preocupação com o mal, no sentido mais abrupto, ou uma certa preocupação absoluta. A preocupação dos filósofos se fundamentava na questão da *Eudaimonia*, em observar como o homem poderia alcançá-la, tendo a capacidade de viver e agir bem. A problemática do mal é uma difícil missão, pois apresentar respostas concretas sobre a sua existência e sua função no mundo é um caminho abrupto. O debate sobre o mal é uma preocupação que perpassa por todos os povos, de forma que, para o desenvolvimento do homem é preciso passar por momentos dolorosos, e sofrimentos, sendo estes, portanto, uma das suas causas.

---

<sup>7</sup> Tomás de Aquino (1225-1274) foi um dos maiores eruditos da Idade Média e responsável por uma vasta obra filosófica e teológica. Sua doutrina tem fortaleza na própria Igreja Católica e nos escritos de Aristóteles – considerado por ele o “Filósofo”. Santo Tomás de Aquino é o autor de duas grandes obras mais conhecidas no mundo, a primeira se chama *Summa Theologiae* (Suma Teológica) e *Summa contra gentiles* (Suma contra os Gentios).

<sup>8</sup> Chesterton dificilmente usa o termo Idade Média, mas sim Idade das Trevas, porém, esse termo será evitado neste trabalho porque, Idade das Trevas é uma consequência de que neste período não houve nenhuma luz quando, na verdade, foi um extenso período das grandes emanções das universidades, como por exemplo: Oxford, Bolonha e Paris.

<sup>9</sup> Essa metáfora das estradas consiste essencialmente na contradição do homem, pois sua filosofia não é límpida o bastante para distinguir o que é escuro e o que é claro. Essa contradição será umas das bases para se entender o mal na visão de Chesterton, uma vez que, o escândalo do mal não é visível, mas faz barulho suficiente para destruir uma cidade inteira.

## 1. Chesterton e a problemática do mal

Em vários momentos observamos que o esforço para compreender o mal não se fixa em um determinado período ou em uma cultura, parece ser universal. O pensador britânico sabia que o mal não muda de forma, mas ataca da mesma forma, porém, seu objetivo traça outras veredas; nunca faz escolhas certas, sempre faz suas escolhas através da astúcia; não age sem pensar, constrói seu caminho pedra por pedra; não corre, pois, sua presa é fixada como que pelo olhar de uma serpente. Essas considerações são demonstrações possíveis do percurso do mal e de como este eclipse vai invadir a vida humana.

O grande problema do mal está ligado ao problema do pecado, cuja consequência vem de uma ruptura, pela qual, o homem só acredita que ele é vítima e nunca aquele que causa mal ao seu semelhante. O mal, sendo um problema do pecado, é uma consequência dele. No decorrer do tempo, no entanto, se tornou vago e afastou-se do pecado. O mal e o pecado estão interligados, no que concerne a alguns atributos negativos, contraditórios, que conduzem os homens para se perderem neste imenso abismo. O que podemos perceber é sua invasão que causa deturpação da moral e da ética, principalmente naquilo que os homens mais desejam – a felicidade.

De maneira universal, assim como o pensador paradoxal, muitos abraçaram e defenderam uma filosofia mística, crendo que, por trás de toda a experiência humana, existem outras realidades vividas pelos poderes do bem e do mal. Sendo assim, acreditam que a pedra de toque, para tudo, é a influência de cada coisa, para o bem ou para o mal. O poder do bem tende a nos tornar felizes, e é justificável que todos os seres, por sua natureza, busquem a felicidade. No entanto, a questão principal, não é se os homens são ou não felizes, mas se por detrás das coisas pelas quais o mundo busca a felicidade, está o poder do bem, ou se, no fundo fazem parte do mal<sup>10</sup>.

É sumamente importante compreender como Chesterton, que o mal é a ausência do bem, é também crucial notar que ele é dramaticamente real. Podemos citar como exemplo, que o Demônio é real, sendo mais do que a sombra em relação à luz. Embora ele seja real, não pode fazer nada, pois apenas Deus pode criar, ao passo que, todo o poder de ação do Diabo consiste em danificar, degradar e destruir. A sua especialidade é ter uma astúcia mais eficiente do que a dos homens, trazendo um grande problema: nem todos acreditam

---

<sup>10</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 25. *Helleniká – Revista Cultural, Curitiba*, v. 5, n. 5, p. 99-125, jan./dez. 2023

na existência do diabo, e nem que sua existência pode ser uma das principais causas do mal no mundo.

Dale Ahlquist salienta que, quando se nega que há um mal, é a partir dessa visão errônea, de uma tremenda falta do uso da inteligência, que mesmo se encontrando debaixo do nariz – funciona melhor disfarçado –, pretexto pelo qual, invariavelmente, o homem terá que mostrar como ele é, e trazê-lo para a luz para conseguir combatê-lo<sup>11</sup>.

Na medida em que vai avançando as suas consequências se elaboram de maneira contraditória e, assim, as pessoas querem falar do mal, querem explicações solucionáveis; querem recorrer à ideia do pessimista, que sempre diz: tudo é sombrio e não sabemos por onde andar. Por outro lado, temos a ideia do otimista, que mergulha na sua ignorância e diz: estamos no caminho certo e tudo é claro. A figura de ambos pode ser representada de maneira exagerada e imatura, entretanto, a empatia pela via mais otimista da vida não se torna mais segura para o homem, nem tão pouco lhe oferece armas suficientes para vencer seus vícios e males, na sua exigência real.

Podemos concluir de maneira breve que, os dois estilos de vida – pessimista e otimista – tendem sempre a entrar em conflito e nunca em um acordo pacífico. A sua simpatia e união, está longe de ser aquela união cega e apaixonante, de Romeu e Julieta: pessimista e otimista, não apresentam uma filosofia completa, para determinar ou explicar o mundo, a partir de uma radicalidade, pela qual o mundo poderia ser explicado como absolutamente mau ou absolutamente bom. Tampouco, podemos aderir a uma tentativa de explicar, por meio da metade ou por analogia de um tabuleiro de xadrez com suas partes pretas e brancas, nenhuma dessas ideias, do pessimista ou do otimista, que possam ser aceitas. Chesterton, em muitos momentos, foi capaz de exprimir que, quando era jovem nunca soube ao certo, os motivos da peregrinação dos dois tipos de humanos curiosos, chamados de otimistas e pessimistas; ele mesmo afirma ter usado várias vezes os dois termos e, mesmo os usando, nunca foi capaz de saber com clareza do que estava falando, ou do que se tratava as duas palavras. Sendo assim, ele nos apresenta:

A explicação verbal comum era que o otimista acreditava que este mundo era tão bom quanto poderia ser, enquanto o pessimista acreditava que era tão mau quanto poderia ser [...] um otimista não poderia ser um homem que acredita que tudo vai bem, pois isso carece de sentido; é como dizer que tudo está na direita e nada na esquerda. Em suma, cheguei à conclusão de que o otimista acreditava que tudo era bom exceto o pessimista, e que o pessimista acreditava que tudo era mau, exceto ele mesmo<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 56.

<sup>12</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 83.

Ambos são estranhos ao mundo; são homens *Annómatos* – pejorativamente, “sem olhos”. Independente de suas concepções, a linha de raciocínio não tem lógica – no sentido original da palavra – pois, afirma o pensador britânico que, “um homem pertence a este mundo antes de começar a se perguntar se é bom lhe pertencer [...] ele é leal muito antes de ter qualquer admiração”<sup>13</sup>. A problemática do mal, vai criando sua raiz e sua consistência, a partir dessas duas visões do homem em relação a si, e em relação ao mundo. O mal do pessimista, não incide em querer condenar os homens, ou amaldiçoar os deuses, mas em não se sacrificar por aquilo que condena – a sua lealdade é não ter lealdade; enquanto para o otimista, o seu mal está fundamentado na farsa, em querer defender e honrar o mundo, mas na verdade, está a defender o indefensável.

Essa antagônica situação do pessimista e do otimista pode ser ainda mais explorada e mais detalhada, quando essas duas palavras caírem no “senso comum”, isto é, os termos são atribuídos, de um lado ao homem *revoltado*, como já foi apresentado antes, mais, o pessimista está longe de ser um grande *revoltado*, porque na concepção do filósofo inglês, é preciso que ele tenha certa dose de alegria para continuar *revoltado* e isto, ele não consegue alcançar; de outro lado o otimista tem um papel que assusta ele mesmo e que o leva à beira do desespero, de uma dor que ele mesmo não consegue superar, porque busca persuadir todos no geral, ou seja, seu objetivo é argumentar que todas as pessoas no mundo consistem na minúscula frase: “quão boas elas são”<sup>14</sup>. Chesterton ainda destaca uma discussão triste e a dificuldade de detectar qual parte é melhor:

O mundo é redondo, tão redondo que escolas de otimismo e de pessimismo têm discutido, desde o início, se ela está de cabeça para cima ou para baixo. A dificuldade não surge tanto do simples fato de que o bem e o mal estejam misturados quase na mesma proporção. Surge, principalmente, do fato de que os homens sempre discordam a respeito de quais partes são boas e quais são as más [...] o erro surge da dificuldade de se detectar qual é a parte realmente boa e qual é a realmente má de qualquer religião<sup>15</sup>.

O mundo, na visão dele, está no caminho que corre o risco de ser mal compreendido e, este risco, não permanece numa ideia fantasiosa. Descrever as duas palavras mais usadas e mais inexplicadas – bom e mau – causaria espanto, pois, em nenhum momento, elas foram usadas para se encaixar entre si. Dessa maneira, Chesterton usa os dois termos, como uma espécie de paradoxo, pois, segundo ele, existem coisas que são más, e não são chamadas boas por ninguém, nem mesmo pelo lunático, porque ninguém as experimenta;

---

<sup>13</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 84.

<sup>14</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *O Defensor – Tipos Variados*. Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 17.

<sup>15</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 79.

enquanto coisas boas são chamadas de más, pela determinação universal da humanidade.

Vejam, portanto, um exemplo para ficar mais claro:

Algumas coisas são más em sua totalidade, como a dor, e ninguém, nem mesmo um lunático, chama uma dor de dente de boa em si mesma; mas uma faca que corta mal e com dificuldade é chamada de uma má faca, algo que certamente ela não é. Apenas não é tão boa quanto outras facas com as quais os homens se acostumaram. Uma faca nunca é má, exceto em raras ocasiões, como quando é hábil e cientificamente enfiada no meio das costas de alguém. [...] o que chamamos de civilização má é uma civilização boa que não é boa o bastante para nós. Decidimos chamar a grande massa da história da humanidade de má, não porque o seja, mas porque somos melhores. Este é um princípio palpavelmente injusto<sup>16</sup>.

A partir dessas breves observações da problemática do mal para o nosso filósofo é essencial salientar que ela está interligada ao homem moderno, e suas teorias insanas e ao esquecimento das virtudes, principalmente, quando, a humanidade chutou a escada pela qual subiu. É crucial o descobrimento de Chesterton, pois, quando os seres humanos deram conta dessa realidade, já estavam abraçados por ela; quando o homem comum foi perceber, a injusta e má compreensão deste mundo, seu interior já estava no abismo; tudo já estava sendo invadido pelos animais racionais, com um comportamento selvagem; ruínas são todas as coisas que o homem plantou, em um mundo bom, e se ocupou em chamar: mau, tudo aquilo que foi bom o suficiente para sua vida. Em suma, O homem moderno é aquele que está longe de sua casa, e a cabeça separada do corpo; é um homem que confia com veemência nas suas certezas.

Com este presente escopo, as questões a seguir terão um caráter de identificação do mal no mundo, ou melhor dizendo, desde o começo deste trabalho, já havíamos destacado a presença de algo que afeta o raciocínio e a sanidade do homem, que vai vigorosamente se deitando com leões, ao invés de se deitar com ovelhas. O exemplo da convivência com o leão e com a ovelha, não deveria ser uma caçada selvagem, mas sim, que o leão fosse domado e cuidado como uma ovelha – sem perder sua força –; não pela fragilidade da ovelha, mas pela sensibilidade e pelo maravilhamento. O mal, portanto, está na modernidade<sup>17</sup>, e se expandirá para muitas situações, a ponto de levar à crença em sua lei e no seu poder ilimitado.

---

<sup>16</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *O Defensor – Tipos Variados*. Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 18.

<sup>17</sup> O mal da “modernidade” é um assunto que implica a visão do autor e que será apresentado com mais detalhe durante o capítulo.

## 1.1 O mal da modernidade

Existe, dentro do ser humano, um senso forte de “dever”, fato sobre o qual ele se debruçou e desenvolveu muitas teorias, muitas ideologias e muitas culturas, continuando a analisar e a fazer “algo novo”, sempre, e excluindo aquilo que antes era visto como doutrina e como modelo ético de vida. Ora, o principal vício da noção moderna será seu progresso mental, que está inteiramente ligado ao rompimento de laços e, principalmente, à rejeição dos dogmas. Na visão chestertoniana, o homem é um animal que fabrica dogmas, e a mente humana é uma máquina de demonstrar conclusões:

O cérebro humano é uma máquina de tirar conclusões; se não puder concluir, enferruja [...] à medida que empilha doutrina sobre doutrina e conclusão sobre conclusão, ao formar algum enorme esquema filosófico e religioso, está, no único sentido legítimo de que a expressão é capaz, se tornando mais e mais humano. Ao abandonar doutrina após doutrina, num refinado ceticismo, ao recusar filiar-se a um sistema, ao dizer que superou definições, ao dizer que duvida da finalidade, quando, na própria imaginação, sente-se como Deus, não professando nenhum credo, mas contemplando todos, então está, por intermédio do mesmo processo, imergindo lentamente na indistinção dos animais errantes e da inconsciência da grama. Árvores não tem dogmas<sup>18</sup>.

A recusa de valores e crenças e, principalmente, da tradição, exclui da vida humana princípios fundamentais para o seu desenvolvimento e suas relações sociais. Os homens modernos se encontram em uma situação tal, que seu mundo se torna superior e verdadeiramente racional; que seu mundo é extremamente ético, e capaz de uma evolução radical, ou seja, um mundo, em que as pessoas possam crer firmemente que nunca irá acontecer “falhas no sistema”, isto é, um mundo vaidoso e orgulhoso de seus avanços, quando na verdade, esse avanço precisou de princípios ineficazes.

Para que se possa entender o presente e, por consequência, modernizar o futuro, é preciso entender o passado. O homem moderno chama de mau, tudo aquilo que ele quer excluir: excluindo essa realidade, ele deve usar dos seus antepassados, para terminar sua própria obra, para reunir um mundo já criado e desenvolvido. Para Chesterton, o homem é um ser completamente disforme, isto é, ele tem uma característica de um monstro, que tem como estrutura sua cabeça para trás, e seus pés virados para frente. Ora, por mais que este ser disforme tente criar um mundo mais luxuoso e um futuro preciso, ele ainda terá que contar e pensar no passado<sup>19</sup>.

Recusar os primeiros princípios, consiste numa característica própria dos modernos, ou início de um mal que pode sair do controle, até mesmo daqueles que se consideram

---

<sup>18</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereses*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 254.

<sup>19</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019A, p. 45.

fortes demais, ou seja, o espírito de superioridade se faz semelhante – de maneira metafórica – ao espírito dos guerreiros gregos, durante o período grego antigo<sup>20</sup>, quando os homens eram superiores aos seus semelhantes e aos seres irracionais. Conseqüentemente, as diversas exclusões dos homens, se destacam em seu futuro com sérios problemas, que poderiam ser evitados, mas que são tratados como se fossem normais e úteis.

Recusar princípios éticos e morais dos antepassados, poderiam ferir a sanidade, causar sérios males e conduzir-nos a um caminho obscuro. Chesterton é assertivo em apresentar que é “comum ouvir uma sugestão de que o homem moderno é herdeiro de todas as épocas, que tirou o que havia de bom em cada um dos sucessivos experimentos humanos”<sup>21</sup>. Com isso, recusar é sempre uma ruptura e, começar algo novo, pode ser tanto virtude, quanto vício. É importante sempre destacar que, os fatos serão salvaguardados, de modo que possam ser repassados para as próximas gerações e, neste sentido, os fatos devem ser o fundamento e precisam ser ensinados.

Também Charles Dickens é enfático em nos apresentar que os *Fatos* devem ser ensinados, ora, na vida precisamos somente dos Fatos. Não plantam mais nada, erradicam o resto. A mente dos animais racionais só pode ser formada com base nos *Fatos*<sup>22</sup>. Sejam quais forem os fatos e princípios, o mundo (*homem moderno*) ainda recusa aquilo que ele já possui, para depois testemunhar com sua insanidade corrompida aquilo que é obscuro.

Uma das principais preocupações no tempo moderno é, de fato, o intelecto, que passou a ser usado de maneira banal, pois, a busca por uma boa e saudável sanidade é um forte desafio para o homem comum, e os modernos são os responsáveis pela grande loucura e catástrofe do mundo. Chesterton fez várias críticas, a ponto de ficar exausto em perder seu tempo lendo-os e, mormente, apontou com seu jeito sarcástico, suas teorias, observando que a busca pela captação do ser como ponto de partida para o conhecimento, vem através de uma profícua experiência comum, como também das visões de mundo e de uma sensibilidade. Entretanto, os modernos perderam essa característica, muito antes de se darem conta que existe um mundo, uma vez que, a perda da sensibilidade e seu maravilhamento<sup>23</sup>, são apenas algumas das conseqüências da modernidade. Scott Paine

---

<sup>20</sup> A superioridade do homem grego não deve ser interpretada com um mal que acontece na era moderna, sendo que este período (grego antigo) é marcado pela areté, cujo poder ou força era digna de ser louvada.

<sup>21</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019A, p. 47.

<sup>22</sup> Cf. DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 13.

<sup>23</sup> Paul Brockelman, nos fala do maravilhamento como forma de gratidão e felicidade de ser e participar da vida e testemunhar a extraordinária dádiva que o maravilhamento representa. Brockelman faz uma citação *Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 5, n. 5, p. 99-125, jan./dez. 2023*

diz que, para algumas pessoas, as generalizações de Chesterton podem apresentar sérios incômodos à mente, porque não têm o costume de trabalhar com gêneros. Ele enxerga uma verdade comum sobre a maioria das pessoas que “enlouquece” e importa-se pouco com detalhes e distinções.<sup>24</sup>

Alguns filósofos modernos como: Descartes<sup>25</sup> e Kant<sup>26</sup> propuseram um novo programa de pensamento, que visava um “novo começo” ou “novo modo de pensar”. Em síntese, o programa consistia em reorientar a mente humana, isto é, defender uma mente filosófica que precisa ser vista com outra ótica. Todavia, o homem deve pensar e não duvidar, uma vez que duvidar sobre isso, seria destruir e desencaminhar o próprio pensar. A questão é levar a aprender a pensar; nenhum homem, em sua sanidade, conseguiria conduzir outros para duvidar e, sim para pensar, para construir um raciocínio logicamente necessário. O que aconteceu, no entanto, foi uma deturpação da parte do homem moderno, quer dizer, uma espécie de ruptura ao recusar os princípios anteriores, fugindo do passado.

Dale Ahlquist fundamenta seu pensamento a partir das análises de Chesterton, e nos diz que: “o mundo moderno evita definições porque quer evitar dogmas. Quer a imprecisão porque é fácil se esconder em um nevoeiro”.<sup>27</sup> A partir dessa análise, vai nascendo um outro terrível mal, a *negação dos lunáticos*, donde aquilo que o homem não moderno (no sentido de não aderir às essas novas ideias) evitava nesse modo de pensar, ao apresentar ideias fundamentais para a humanidade, é visto como louco, como lunático e, desse modo, marcado pela insanidade.

Chesterton em sua obra *Orthodoxy* apresenta aos leitores dois impasses do problema epistemológico acerca do pensamento, que está interligado aos problemas e aos primeiros princípios. O primeiro, incide numa problemática da dedução em relação ao princípio do pensamento e da loucura do sujeito. E a segunda, se debruça na possibilidade, ou melhor,

---

da bióloga Rachel Carson que nos diz: “O mundo de uma criança é fresco, novo e bonito, cheio de maravilhamento e excitação. É infelicidade nossa que, para a maioria de nós, essa visão penetrante, esse instinto verdadeiro pelo que é bonito e imponente sejam ofuscados e até perdidos antes de atingirmos a vida adulta...” (Cf. BROCKELMAN, Paul. *Cosmologia e criação: A importância espiritual da cosmologia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 81-88).

<sup>24</sup> Cf. PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 112.

<sup>25</sup> René Descartes (1596-1650) filósofo, matemático e cientista francês. Considerado o fundador da filosofia moderna, em suas obras destacam-se: *O Discurso sobre o Método, Princípios da Filosofia, As paixões da Alma, La Géométrie*.

<sup>26</sup> Immanuel Kant (1724-1804) filósofo alemão, considerado como o último filósofo da era moderna. Suas obras notáveis são: *Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática e Crítica do Juízo*.

<sup>27</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 11 maio. 2022, p. 49.

na dúvida da existência dos princípios e, dessa maneira, conduz o indivíduo ao ceticismo. Em suma, é sempre uma negação dos lunáticos e da sua tentativa de mover o mundo com a sua loucura.

Ser sábio, ou identificar um sábio, é uma possibilidade que requer precaução e um grande conhecimento do que seja a ignorância, ou ainda, a natureza humana e constatar que os homens têm suas limitações, como também suas faculdades profícuas, que podem ajudar na busca pela sabedoria. Sócrates, é um grande exemplo, conseguiu saber e expressar aquilo que sabia e, em simultâneo, declarar aquilo que, de fato, sabia que não sabia, isto é, do que ignorava. Talvez, pelas palavras de Sócrates e de outros tantos pensadores houve a previsão segundo a qual: para se chegar à uma sabedoria certa e reta, deve-se, em certo momento, passar por aquilo que não conhecemos.

O escopo aqui não é apenas perfilhar a limitação humana, mas identificar o louco, isto é, aquele que acredita com toda radicalidade em suas convicções, não dando abertura para outras compreensões ou questionamentos; ele considera sua loucura uma doutrina e faz dela um estandarte. Além de considerar como uma doutrina, todos aqueles que tentam apontar seus erros e negar tais alucinações são os que se encontram em estado de demência, por isso o filósofo inglês nos diz que: “para o louco sua insanidade é bem prosaica, porque é bem verdadeira”<sup>28</sup>.

O grande fato de o louco ter suas convicções formadas, irá ponderar um homem perfeito, e ele tem a pancada de persistir, e querer sua honra no domínio das ações cognoscíveis, e ser o protagonista no final da história. Entretanto, todo homem em sua sanidade sabe que, a negação dos lunáticos em relação aos princípios, são um grave ferimento para humanidade, pois, se ele não pensa, e nem mesmo começa a seguir os primeiros princípios, começa a pensar pelo lado errado, e é por isso que existe o enlouquecimento dos homens: eles abandonam aquilo que é reto para sua vida e acabam deitando-se com serpentes.

A autoconfiança que o louco tem em si, não se exprime apenas em apontar que este ou aquele é louco, mas em conseguir fazer com que ele venha a enxergar que a sua autoconfiança é uma fraqueza, uma verdadeira crença na supersticiosa histeria. Há uma frase lapidar do pensador inglês, que pode demonstrar o que necessita ser explicado: “esquisitices só impressionam pessoas comuns. Esquisitices nunca impressionam pessoas

---

<sup>28</sup> CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 18.

esquisitas. É por isso que pessoas comuns podem se divertir tanto, enquanto os esquisitos estão sempre reclamando do tédio da vida”<sup>29</sup>.

Nota-se que o abandono e sua negação, somados autoconfiança e sua demasiada histeria, conduz os homens loucos ao fechamento de seus olhos para mundo, ou melhor dizendo, sua construção é uma pirâmide de cabeça para baixo, sendo que eles são muitos e podem dominar o mundo. Neste aspecto, querer travar uma discussão ou argumentar com um louco, será mais válido para ele, já que sua mente trabalha mais rápido e é onde habitam seus conceitos lógicos. Sua insanidade é assustadora e, ao mesmo tempo, enganadora. De fato, o louco perdeu tudo, exceto sua razão e sua peculiaridade.

Podemos apresentar muitos males do homem moderno: seja a loucura, que quer fechar e negar os primeiros princípios, seja ainda, um exagero desequilibrado da razão. Existe, porém, outros males ou erros que os homens, no decorrer de suas vidas vão aderindo; um deles, é aquele mal que vem da oposição a um pensador ou às ideias ortodoxas, como é o caso das heresias ou do próprio herege. Em uma de suas principais obras, *Heretics*, Chesterton apresenta o herético, como sendo aquele intelectual modernista, que escolhe apenas uma parte da verdade ou, na pior das circunstâncias, nega-a completamente. Poder-se-á falar da salvação do homem, a qual inclui todo o seu ser, mas um erro intelectual pode comprometer uma vastidão de pessoas; pode afetar, ou ainda, ser um verdadeiro atentado aos valores humanos.

O filósofo inglês soube dizer que o herege é um mal, mas um mal que se lança na sua própria ruína – uma ruína que é vista pelo homem moderno como uma glória – e se alastra em uma grande contradição, pois, o herege pensa que ele é um ortodoxo, mas, na verdade, ele defende uma visão errônea em suas teorias. Eles (hereges) defendiam uma visão, que foi sempre uma eterna contradição com os fundamentos ortodoxos e, neste aspecto, existe um grande orgulho, ou seja, enquanto o vaidoso ativo “deseja o aplauso das grandes massas, o orgulho é passivo, desejando apenas o aplauso de uma pessoa, e que já o possui”<sup>30</sup>. O herege tem um orgulho que pode afetar qualquer pessoa, como afeta a si; ele mesmo já ficou cego por este erro.

O herege tende sempre a uma via de concepção reta, entretanto, nenhuma heresia é reta ou tem a intenção de ser algo reto e que se possa confiar, aliás, os homens adotam mais facilmente a heresia (mal) do que a própria ortodoxia (bem). Sendo assim, as questões de maneira geral têm sido colocadas lado a lado como se fossem, ou idênticas,

---

<sup>29</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 18.

<sup>30</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 116.

ou por pertencer a um nível de parentesco. Ora, se a doutrina do direito do homem é um bem, então quais são os motivos do seu desmerecimento e, em consequência, da queda do homem? A resposta pode ser simples, ou pode levar-nos a uma pesquisa mais profunda; Chesterton observa que essa questão e outras são colocadas ou opostas simultaneamente, na sua maior parte. Veja-se, por exemplo, que o próprio ateísmo, aos olhos do mundo moderno, é muito teológico - visto que essa questão pode até parecer fundamental para eles - ainda assim é uma heresia; mesmo que seja importante ou tenha importância, ainda pode ser considerado um exagero.

Outro sério problema do mal no meio moderno chama-se a filosofia do cético. Para nosso pensador, é algo completamente ridículo, porque, se se supõe que seja cético, mais ele olharia para o bem; para evitar essa situação deve-se atinar que, quanto mais o ser humano tem certeza do bem, mas ele enxergará o bem em todas as coisas. Portanto, se partirmos do homem comum, essa sentença se encaixa. Mas, como vimos, o homem moderno é corrompido e corrompe o seu semelhante, sendo capaz de escurecer seu mundo, só para se exaltar. Segundo Paine, se uma pessoa ainda não está preparada para aceitar o Universo, ou melhor, dar as boas-vindas, como ele é de fato, nunca alcançará a lucidez sobre qualquer coisa que seja<sup>31</sup>.

O perigo de duvidar é ter a capacidade de destruir, eles (hereges, lunáticos, céticos) não buscam uma solidificação do pensamento, mas uma liquidez do pensamento. A recomendação de Chesterton é clara e direta, que o homem deveria duvidar de si mesmo e não da verdade; mas isso foi perfeitamente invertido e, nessa inversão, eles acabaram duvidando até daquilo que não poderia ser duvidado – a Razão Divina.<sup>32</sup> Isto nos leva à frase lapidar do Príncipe dos Paradoxos: “não é possível fantasiar um mundo mais cético do aquele em que os homens duvidam se há um mundo”<sup>33</sup>.

Sejam quais forem os males, ou os erros do homem moderno, ele deve ser detido, não só , por ele ser um cético, como também, pela impossibilidade de imaginar um mundo melhor, com ações mais efetivas. O que perfaz um cético, no entanto, é seu método de duvidar, até mesmo de sua existência. O homem diz: “devemos amar o mundo, mesmo que para mudá-lo. Agora acrescentamos que devemos amar outro mundo, real ou imaginário, para ter algo como meta da transformação”<sup>34</sup>. Sabemos que, na verdade, ele

---

<sup>31</sup> Cf. PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 159.

<sup>32</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 39.

<sup>33</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 47.

<sup>34</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 137.

nunca se esforçou em transformar seu mundo real, nem teve a coragem de defender a sanidade, por isso, o homem moderno acreditava ser mais fácil amar um outro mundo inexistente, do que amar seu mundo; é mais fácil duvidar do que pensar, ou seja, destruir ao invés de construir. E, é partindo dessa ideia, que eles começarão a enlouquecer, o que terá impacto na questão das virtudes. Sendo assim, passamos a discorrer sobre o conceito de virtude e de como elas ficaram perdidas ou pior, enlouquecidas.

## 1.2 O enlouquecimento das virtudes

O conceito de virtude na filosofia chestoriana está na essência ligada ao paganismo e ao cristianismo. Antes das virtudes enlouquecerem, elas eram tratadas de maneira cordial, mas com o mal da modernidade e o constante erro do homem moderno, começaram a ser tratadas como “moda”. Para tal fim, nosso autor não elabora um novo conceito, apenas vem mostrar aos seus leitores o que são essas virtudes e seus efeitos na vida da humanidade, ou seja, ele desperta e faz com que todos leiam e pensem sobre elas, principalmente pela loucura das virtudes, – uma vez que o mal da modernidade contribuiu para esse enlouquecimento. Em sua obra *Heretics*, Chesterton começa com a perspectiva do paganismo e, ao mesmo tempo, com uma crítica ao historiador Lowes Dickinson<sup>35</sup>.

O pensador britânico explica o termo pagão de maneira breve, com suas controvérsias e outros pontos de vista: em primeiro lugar, pagão, segundo ele, é banal e muito usado na ficção como pessoa sem religião, em segundo lugar, são chamados de irresponsáveis mesmo que, sua irresponsabilidade não tenha sido confirmada concretamente, isto é, a civilização pagã foi na sua rigidez, um povo honestamente responsável e de certa dignidade. Eram conhecidos como cidadãos sem lei – mas para Chesterton, eles eram sensatos e respeitosos: foram chamados de desobedientes, mas tinham uma forte virtude, a obediência cívica e seu único pecado foi o desespero pelo fato de serem admirados e invejados<sup>36</sup>.

Para esclarecer este assunto, pode-se correr o risco de cair no mesmo erro que Dickinson cometeu, dando abertura a um erro de caráter óbvio, a respeito das relações entre cristianismo e paganismo. Para Dickinson são ideias paralelas, aparecendo o paganismo como fenômeno novo e adequado para o homem, como ideal de vida e como

---

<sup>35</sup> Goldsworthy Lowes Dickinson (1862-1932) além de ser um historiador, foi um político ativista e globalista (onde apoiou a Liga das Nações).

<sup>36</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Heretics*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 143.

o bem supremo dele. Para o filósofo essa concepção está longe de ser a certa, e mais longe ainda de ser aceita pelo homem comum, pois, na explicação dessa ideia, vê-se a afirmação: “há apenas uma coisa no mundo moderno que, nesse sentido, sabe tudo a respeito do paganismo, e tal coisa é o cristianismo”<sup>37</sup>. Nessa perspectiva, a única diferença verdadeira entre o paganismo e o cristianismo está no domínio entre as virtudes pagãs e as três virtudes do cristianismo que a Igreja chama de virtudes teologais. Temperança e justiça são as virtudes pagãs ou racionais que o próprio cristianismo adotou e, logo depois inventou, segundo Chesterton, a fé, a esperança e a caridade – essas três virtudes são apresentadas pelo apóstolo Paulo e se encontram na Sagrada Escritura ou, mais especificamente, no livro que é dirigido aos coríntios – e essa “invenção”, ele explica através de dois fatos:

O primeiro fato evidente, digo, é que as virtudes pagãs, tais como justiça e temperança, são virtudes tristes, e que as virtudes místicas da fé, esperança e caridade são virtudes alegres e exuberantes. E o segundo fato evidente, que é ainda mais óbvio, é o fato de as virtudes pagãs serem razoáveis, e as virtudes cristãs da fé, esperança e da caridade serem, em essência, muito irracionais<sup>38</sup>.

O termo “irracional”, usado pelo pensador inglês, pode gerar mal-entendido. Vejamos da seguinte maneira: esse termo é uma proposta dada em sua natureza, ou seja, as virtudes pagãs não são consideradas irracionais, nem mesmo se pode dar como um paradoxo. Ora, falamos de fé, mas não sabemos a sua força; falamos de esperança, mas não sabemos como colocar em prática; por fim, ouvimos várias vezes falar de caridade, mas não sabemos sua definição e habilidade. Sendo assim, usamos a definição defendida por ele:

A justiça consiste em descobrir determinada coisa devida a certo homem e lhe dar. A Temperança consiste em descobrir o limite adequado de um prazer específico e aderir a tal limite. Todavia, a caridade significa perdoar o imperdoável, ou, absolutamente, não é uma virtude. A esperança significa confiar quando não há mais o que esperar, ou não é virtude alguma. E a fé significa acreditar no inacreditável, ou não há de ser virtude<sup>39</sup>.

As virtudes cristãs foram excluídas do mundo moderno, exceto, a virtude da fé. A definição de fé no mundo moderno é, na sua essência, adesão a uma ideia ou poder ou crença naquilo que não sabemos ser verdade. Deve-se notar que essas três virtudes são paradoxais. Quanto a isso, o mal do homem moderno está na tentativa de colocá-las de modo passageiro, quando na sua verdadeira realização, as virtudes são essencialmente paradoxais. Um grande exemplo consiste na virtude da caridade e da esperança, já que Chesterton salienta que, a “caridade é o poder de defender aquilo que sabemos

---

<sup>37</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 145.

<sup>38</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 146.

<sup>39</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 146.

indefensável. A esperança é o poder de estar bem-disposto em circunstâncias que sabemos desesperadoras”. E continua apresentando o paradoxo da esperança, ou seja, “é exatamente no instante em que a esperança deixa de ser razoável que ela começa ser útil”<sup>40</sup>.

A acepção geral que ele faz das três virtudes é que elas são paradoxais e são práticas. O mundo antigo era óbvio e claro sobre o homem, por isso, um homem que é bom era bom; um homem que é mau era mau. Em suma, o mundo vivia um senso realmente comum tendo como oposto o senso da modernidade, trabalhando pela via de um ideal pagão, que ignorava as descobertas decisivas no universo moral. Por meio dessa linha de raciocínio, transformado em dúvida, foi necessário apresentar o quanto foi preciso fazer para que o mundo fosse guiado por um ideal racional, que não leva à sanidade. Os homens dizem: a razão não leva nenhum ser à sanidade, por isso, corramos. Mas, há algo importante a ser revisto: o mundo moderno em muitos momentos é visto como mau, porém, o mundo moderno não é mau, em muitos sentidos é exageradamente bom. Está cheio de virtudes loucas e desperdiçadas, sendo que tais virtudes, ao serem separadas, ficaram loucas, vagando sozinhas<sup>41</sup>.

A partir desses pontos fracos de toda argumentação relativa à sua expansão, podemos a qualquer momento, rever a descrição do homem moderno e sua fraqueza, que afeta cada homem desse universo, já que sua virtude é não ser virtuoso; sua casa é uma caixa de pandora e o que resta é a esperança, porém, nunca chegou a desejá-la. O principal fundamento dele é a força, mas uma força que não vem dele, mas do seu antepassado, que se definia como fraco. Será constante o paradoxo na vida humana e a virtude que mais causa confusão na cabeça dos homens, é a virtude da humildade, pois ela é prática e vence guerras, todavia, com lágrimas e torturas suporta todos os ventos impetuosos.

Nesse aspecto, o enlouquecimento das virtudes pode ser interpretado de três maneiras e podem causar perplexidade pela sua revolução: a primeira – como já destacamos, ela é paradoxal – causa um efeito suficiente para despertar os homens e é considerada uma fundamentação, que causa uma revolta para o homem moderno, enquanto para o camponês comum ela é essencial, para o moderno ela é uma loucura; a segunda, consiste em que elas enlouqueceram não por serem paradoxais, mas pela má interpretação do

---

<sup>40</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 147.

<sup>41</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 38.

homem moderno, ou melhor dizendo, pelo seu novo conceito frustrante. E terceiro, pelos seus triviais inimigos íntimos: os sete pecados capitais<sup>42</sup>.

Este terceiro ponto que caracteriza a causa de loucura das virtudes é apontado por Chesterton como aquela épica situação, pela qual toda a raça humana tem como tradição a grande Queda. Assim cada cultura, independentemente de ser, mais ou menos, arcaica que a outra, remete à ideia de que o homem tinha a felicidade sob uma sublime qualidade que, uma vez transgredida, torna oportuna sua infelicidade.

Ahlquist destaca que, a partir de suas leituras de Chesterton e Tomás de Aquino, observou que o pecado não é um simples deslize, mas a desobediência deliberada. É um ato propriamente dito da vontade, e é exatamente nessa condição que reside a sua vergonha. Por outro lado, a obediência também é, na sua elocução, determinada, porque é do mesmo modo um ato da vontade habitando a sua glória. Isto nos leva a dizer que, tanto para Chesterton, quanto para seus comentadores, a Igreja sabe distinguir todas as heresias antigas e modernas, pois é por meio do livre arbítrio que não podemos pôr a culpa dos nossos pecados em nada e nem em ninguém além de nós mesmos<sup>43</sup>.

Outrossim, o pensador inglês analisou o mundo com muita acuidade, porque olhando o seu país e o mundo em geral, observou que existe algo terrível e muito perigoso no coração da sociedade: os critérios estão desaparecendo, os males estão sendo modificados, e o pecado do orgulho é o mal mais terrível, pelo fato dele negar o próprio pecado. Chesterton diz sobre essa convicção:

Quanto mais do mundo eu vejo (...), mais me convenço da veracidade da velha tese religiosa, segundo a qual todo o mal teve início com uma tentativa de superioridade. (...) O orgulho é um veneno tão poderoso que não afeta apenas as virtudes, mas até mesmo os outros vícios. (...) A obra mais perniciososa do mundo é simbolizada não por uma taça de vinho, mas por um espelho, e não se realiza em bares, mas no interior da mais privada das casas – uma casa dos espelhos. (...) O orgulho consiste em colocar a própria personalidade em primeiro plano, preterindo a verdade<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> Essa questão dos pecados capitais ou sete pecados capitais, tem como grande base a fundamentação que Dale Ahlquist elaborou em uma série de argumentos sobre os setes pecados capitais na concepção de Chesterton, retirado do jornal *Daily News*. Alguns deles servem como fundamento para que o leitor possa compreender qual seja seu entendimento. Vale ressaltar que muitos comentadores de Chesterton consideram-no como um pensador completo tendo influência de Santo Tomás de Aquino. G. K. Chesterton diz que: “os males da civilização se devem principalmente ao pecado, e é com o senso do pecado que deveriam ser corrigidos. Deixemos aos pacatos materialistas que atribuam todos os males a forças e proporções, a médias e porcentagens. Nós deveríamos atribuí-los à sua única causa real: os sete pecados capitais – a avareza, o orgulho, a preguiça, a inveja, a ira, a cobiça e a gula – que existem no mundo e, principalmente, em nós” (Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 59).

<sup>43</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 60.

<sup>44</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *The Commom Man*. New York: Sheed and Ward, 1950, p. 245 -55. In: AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p.63.

Mais uma vez observamos que as coisas boas podem sofrer graves perversidades e toda coisa má pode ser ocultada. O mundo moderno tenta modificar os pecados capitais em virtudes, exaltando-os e dando-lhes um novo nome. Em um sentido mais ético, Chesterton observou que há uma situação que apresenta sua diferença no pecado, em relação a ética do homem. Ora, essa diferença entre a ética medieval e a nossa demonstra que a nossa tem como centro, os pecados dos ignorantes e, praticamente, nega que os educados tenham pecados. Por isso, o pensador paradoxal destaca que é comum a fala sobre o pecado da intemperança em relação à bebida, e é óbvio que, partindo de uma comparação, o pobre comete esse pecado mais que o rico. Todavia, há uma negação que exista algo como o pecado do orgulho, uma vez que, é inconfundível que o rico o cometa mais que o pobre<sup>45</sup>.

O homem que apresenta e comete vários males vai, gradativamente, se suicidando, pois transforma o vício em virtude. É como querer que uma criança ande no escuro, sem ter medo de algo que ela não conhece, mas imagina e cria. O mundo moderno está cheio de virtudes e vícios que vagam e causam muitas chagas. Chesterton se viu em meio a essas bombas no seu tempo, e teve que se manter fiel. Ele não perdeu sua esperança na humanidade, nem mesmo sua caridade e, principalmente, sua fé, que foi firme o suficiente para suportar e passar por uma situação que o tocou na vida: apenas lembra do fato ocorrido, mas não lembra da pessoa. As situações ocorridas na modernidade, podem gerar homens e mulheres revoltosos e, sejam suas ações boas ou más, se voltam contra a raça humana. Por este aspecto, o nosso filósofo passou por uma situação, a qual ele chamou de um diálogo ou encontro com um diabolista.

### 1.3 O diabolista

Começamos por destacar que o diabolista pode ser considerado um homem que pertencia ao satanismo, ou algum estilo sombrio na passagem dos séculos XIX para o XX, ou ainda, um ser que pratica e aderiu aos pecados capitais e o que abrange uma série de erros e contradições; ou até mesmo uma confusão que escamoteia o bem e enaltece o mal, dando-lhe uma figura pacífica e brilhante aos olhos de uma criança inocente. O conteúdo proferido pelo filósofo inglês foi, em sua representação, uma espécie de comunicação ao leitor para a justificativa em ser ortodoxo e em seu desejo de manter-se

---

<sup>45</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 244.

firme na ética e na moral, ou ainda, na sua fé e na sua filosofia. O filósofo britânico acreditava, mesmo antes da existência de Deus, na existência do Diabo. Aconteceu que ele passou por alguns períodos muito obscuros quando jovem e teve experiências que, claramente, foram vívidos encontros com presenças demoníacas, embora em sua vida, tenha se repetido várias vezes tais ocorrências, em vários momentos.

Nos diferentes eventos com que Chesterton se deparou, houve muitos deles que não causaram perplexidades no tocante à sua personalidade e modo de raciocínio. Dale Ahlquist esclarece que essa forma de ser não aconteceu por negligência, pois, o que seria preocupante, porque querer negligenciar o bem, tem como caráter uma falha espiritual, do mesmo modo, como negligenciar o uso da razão é uma falha intelectual<sup>46</sup>. Mas, em muitos momentos da vida do nosso pensador ocorreram eventos que, de fato, foram elementos de verdade e, dentre esses eventos existe um que ele jamais esqueceu, mesmo que quisesse. Foi um diálogo que ficou gravado em sua memória; uma conversa que o deixou perplexo. Tal fato ocorreu no período em que Chesterton provavelmente descobriria que não era ateu. Vale destacar que esse fato curto e importante aconteceu na escola de artes; ele se envolvia com muitas pessoas, de diferentes modos de ser e pensar, era na sua natureza, um ambiente bonito e encantador, em que as pessoas estavam ociosas.

Outrossim, conversar com alguém, ou gastar tempo com uma pessoa, nunca foi um obstáculo para o pensador britânico. Em nenhum momento da vida dele deixou de cumprimentar as pessoas: somente observava que não havia diálogo ou, de modo peculiar, não aceitava escutar a ponto de entender o outro. Chesterton, aborda um tema que o deixou inquieto e, de maneira introdutória, na sua obra *Tremendas Trivialidades* desenvolve esse tema, dedicando uma descrição sobre o homem com o qual teve um diálogo nada agradável:

Era estranho, talvez, que ele apreciasse suas companhias sujas e bêbadas; era talvez ainda mais estranho que apreciasse a minha companhia. Durante o dia conversava comigo horas a fio sobre Milton ou sobre arquitetura gótica; durante a noite, por horas ele ia a lugares em que não tenho o menor desejo de segui-lo, mesmo em imaginação. Era um homem de face comprida e irônica, e cabelo ruivo bem curto; tinha boa posição social e seria capaz de andar como um cavaleiro, mas preferia, por alguma razão, andar como um cavaleiro carregando dois baldes. Parecia uma espécie de super-jóquei; como se algum arcanjo tivesse entrado no turfe. E nunca esquecerei a meia hora em que ele e eu discutimos sobre coisas reais pela primeira e última vez<sup>47</sup>.

Nota-se que, com toda essa ênfase descritiva, o pensador britânico começa a abordagem sobre o diálogo que se vai construindo e ainda, existe no meio desse ambiente,

---

<sup>46</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 55.

<sup>47</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Tremendas Trivialidades*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2012. *E-book*: Disponível em: <https://amz.onl/0HpCIno>. Acesso em: 02 ago. 2022, p. 154.

trevas e uma fogueira que passava faíscas no meio dos dois. Ora, uma pergunta é feita, e essa pergunta causa uma vasta reflexão, bem como em todo o processo de sua conversão, no que se refere à sua visão da moral, da ética e, principalmente, do homem. Inclusive, quanto a essa pergunta, Chesterton foi desenvolvendo a resposta durante toda a sua vida. Ei-la: “Por que o senhor está se tornando ortodoxo?” Chesterton, na sua genialidade, chegou a uma conclusão diligente e verdadeira. Assim, ele responde:

Estou me tornando ortodoxo, porque cheguei, de uma forma ou de outra, após forçar meu cérebro até rebrantar, à velha crença de que a heresia é ainda pior do que o pecado. Um erro é ainda mais ameaçador que um crime, porque um erro gera o crime. Um imperialista é pior do que um pirata. Pois um imperialista mantém uma escola para piratas; ele ensina a pirataria desinteressadamente e sem um salário adequado. Um amante livre é pior que um libertino. Pois um libertino é sério e ousado mesmo em seu amor mais curto, enquanto um amante livre é cauteloso e irresponsável mesmo em sua mais longa devoção. Detesto a dúvida moderna porque é perigosa<sup>48</sup>.

A resposta de Chesterton apresenta a limpidez de sua filosofia e teologia, sobretudo sua espiritualidade. Aqui, observamos uma das causas do processo de conversão ou, pelo menos, o ponto inicial. Vale salientar que sua inquietação em relação ao mal da modernidade, tem a falta de seriedade, o engano e a ilusão de um mundo superior e, dessa maneira, ela é perigosa, porque ela não constrói o homem, mas destrói sua vida e sua humanidade. No que tange essas consequências, Chesterton tinha observado que o mal vence pelo cansaço. Ora, Ahlquist parafraseando, usa da visão de que, é possível que se faça o mal, não por uma súbita impaciência, mas por uma tremenda paciência – uma espantosa paciência com o mal<sup>49</sup>.

Mas, o principal e mais grave ferimento nesse colóquio espantoso, não está no fato de acreditar que aquilo é ameaçador ou que é seguro, mas sua banalidade está no que implica a moral e a ética, pois, para o homem ruivo e de aparência assustadora, ou melhor dizendo, o diabolista, tudo o que era mal ele chamava de bem, enquanto, para Chesterton era o inverso da ordem. Esse diálogo não teve tanta força, no sentido de ser um diálogo longo mas, foi suficiente para causar-lhe uma forte inflexão na vida, a ponto de abalar sua estrutura espiritual e por seguir o caminho ortodoxo.

Algo mais podemos relacionar a tudo isso, embora um homem que esteja convicto de sua fé, seja ela em Deus ou em qualquer outra coisa, possa ser mais complexo e abrupto nos seus discursos. Há algo, no entanto, que pode funcionar como esperança para o homem moderno e para este diabolista, ou na melhor das teorias já apresentadas, o mal

---

<sup>48</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Tremendas Trivialidades*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2012. E-book: Disponível em: <https://amz.onl/0HpCIno>. Acesso em: 02 ago. 2022, p. 155.

<sup>49</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. E-book. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 54.

*Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 5, n. 5, p. 99-125, jan./dez. 2023* 118

ainda não é a última resposta e nem mesmo o domínio por completo da vida humana. Observamos em toda história um erro comum, tão comum, que deixou todos envergonhados, em voltar da grande queda do homem no paraíso, entretanto, o próprio homem sabe de seus erros (talvez pela ajuda de um verdadeiro amigo) e pode voltar; sua volta não é para um *pub*, ou clube conceituados em Londres, mas retorna para sua casa, seja aquela exterior, com sua esposa e filhos, seja sua casa interior. Em suma, o homem errante e o cristianismo não são apenas figuras de linguagem, mas algo concreto. As defesas que Chesterton faz são o fundamento de sua fé e daquilo que ele teve que abandonar, para superar seus amigos jornalistas, ele mesmo afirma que, o mau jornalista venceu o bom jornalista. A partir dessa perspectiva, e de outros eventos ocorridos, veremos o que se passa por uma verdade que defende o homem e sua dignidade.

## **2. O homem errante e o cristianismo**

Em tudo que foi argumentado há um aspecto óbvio demais para o homem comum – ele ser um errante e saber que poderia ser perdoado. Em nenhum momento da história, o homem pôde ver seu erro, como algo insignificante e pequeno, não o homem em si, mas o perdão, ou melhor, a fé, que ele que tanto julgou antiquada e ridícula demais para ele. Esse, portanto, é um dos grandes defeitos do homem moderno, ele não aceita ser perdoado e nem perdoa; não acredita que uma grande culpa possa ser diminuída ou apagada para sempre; não acredita naquilo de que o nosso filósofo se orgulhava – de ser cristão. O mal em muitos momentos foi contraposto às virtudes, principalmente àquela virtude que dá aos homens a capacidade de olhar que há de fato uma solução, isto é, esperança. Ora, o homem moderno se fundou na sua racionalidade, entretanto, o verdadeiro problema desse mundo não é utilizar a razão, o seu verdadeiro problema é bem comum, ou seja, ele é quase racional, porém, não tanto quanto se esperava.

A dificuldade do homem errante em aceitar as ideias do cristianismo, gera uma espécie de normalidade, todavia, nunca será simples para ele, consentir com uma ideia sobre o pecado original. Não é admissível que os caminhos inconvenientes sejam a salvação da humanidade, nem tão pouco, caminhar por uma vasta floresta negra que seduz por seus “dogmas anormais”. O cristianismo veio ao mundo não para julgar o homem. Um dos fatos da religião é sua pretensão de falar do mal, porém, é maior em todas as pretensões

falar francamente do bem<sup>50</sup>. Por sua natureza, o homem é errante e sempre se perdeu. Mas poderíamos nos perguntar: em qual momento ele começou a errar, julgar este mundo e julgar o cristianismo? A resposta é clara e direta: com a sua Queda. Utilizemos as palavras do filósofo paradoxal:

O cristianismo falou novamente e disse: “Sempre afirmei que os homens são naturalmente regressivos; que a virtude humana tende por sua própria natureza a enferrujar ou apodrecer; sempre disse que os seres humanos erram, especialmente os seres humanos felizes, os particularmente orgulhosos e prósperos. Essa eterna revolução, essa suspeita sustentada pelos séculos, você (sendo um moderno adepto de tudo que é vago) chama de doutrina do progresso. Se fosse um filósofo a chamaria, como faço, de doutrina do pecado original. Pode chamá-la o quanto quiser de avanço cósmico; eu a chamo pelo que ela é — a Queda”<sup>51</sup>.

A questão da Queda pode ser uma passagem que fez Chesterton refletir sobre essa “condenação”. Somos criaturas que caímos e participamos dessa queda, entretanto, conseguimos expressar uma solução plausível, mas, mais do que isso, uma transformação. Foi, portanto, a partir dessa ideia que ele foi conhecendo a ortodoxia, pois, na sua visão existe uma grande falácia em dizer que o mal é uma escolha e a doença está longe disso. Em vista dessa ideia, “um homem pode se deitar e se curar de uma moléstia. Mas não pode se deitar se deseja se curar de um pecado; ao contrário, ele deve levantar e saltar violentamente”<sup>52</sup>.

Essa é uma das consequências que o problema do mal vem efetuando no cotidiano da vida humana. Além disso, o mal tem sido uma clássica objeção assustadora à fé cristã e, na sua exatidão, uma evidência necessária. O mal vem provar que as declarações do cristianismo são corretas, mas há contradições em não querer acreditar esse poder. Ora, a Igreja instrui que existe um grande opositor, peculiar e astuto: o mal, que assinala para o bem ou mesmo para a verdade, já que está sempre apontando para longe de si<sup>53</sup>.

Dale Ahlquist aponta três fundamentos sobre essa verdade, na concepção do pensador britânico, foi um defensor da verdade. Em primeiro lugar, *a verdade é incognoscível* – será preciso saber a verdade e desejá-la, especialmente aquela verdade que o homem não conhece. Em segundo, *não podemos conhecer toda a verdade, mas apenas alguns aspectos dela* – ou seja, alegamos saber o que seja a verdade. Por fim, em terceiro lugar, *a verdade é relativa* – eis que nasce uma pergunta do próprio filósofo inglês: é relativa a

---

<sup>50</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 26.

<sup>51</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 152.

<sup>52</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 180.

<sup>53</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 56.

quê?<sup>54</sup> Todos esses três pontos sobre a verdade vêm apenas confirmar tudo aquilo que o homem errante aponta ser dogma para sua vida, mas, para saber que isso seja de fato, seria necessária uma ordem e isso, o homem que persevera em seu erro, está muito longe de buscar ou fazer.

Poderíamos nos perguntar, se este mundo é de Deus ou se é dos homens. É óbvio que o homem sempre se perguntou, e se pergunta, onde ele estava antes de vir a este mundo. Podemos citar uma afirmação que o homem moderno gosta de proferir: *this is a man's world* (este é um mundo dos homens). Mas, o homem na sua insignificância cósmica, sabe que sua capacidade não atinge os céus; não consegue tocar as estrelas; nem mesmo abraçar o imenso oceano. Essa descoberta aponta para uma terrível negação da realidade do mal na humanidade. Chesterton, segundo James Schall, observou que, negar a possibilidade ou a realidade do mal humano, significa uma básica heresia, isto é, redução dos seres humanos a um ser sem nada e sem um feito derradeiro abrangente, dessa maneira, a insignificância teleológica<sup>55</sup>.

Para se defender algo é preciso conhecer e amar, Chesterton sabia que, para crer e defender o cristianismo, era preciso, principalmente ser um ortodoxo. O cristianismo é a única doutrina que aceita o homem moderno e o homem comum, cujas doutrinas podem ser opostas, mas com cordialidade existe convivência. O que chateava os inimigos do cristianismo é o fato dele devolver com outra moeda e sempre oferecer a outra face, e sempre andar o dobro do que lhe foi pedido. O paradoxo do cristianismo se inicia na simplicidade e termina na simplicidade, ora, o que é simples demais pode ser excluído ou não aderido, entretanto, a simplicidade é o motor que vem dizer que este mundo é dessa forma e devemos aceitá-lo. Sendo assim, o cristianismo aceita o ser comum tal como ele é.

Chesterton sabia com toda confiança, que o cristianismo vem com poder para dizer e dar ao mundo o que ele precisa. Ora, ele destaca que o “Cristianismo veio ao mundo em primeiro lugar para afirmar violentamente que um homem não tinha de olhar somente para o interior, mas para o exterior, contemplar com admiração e entusiasmo um

---

<sup>54</sup> Cf. AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022, p. 32.

<sup>55</sup> Entende-se por teleologia um estudo filosófico dos fins, ou seja, qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade, considerando a finalidade como o princípio explicativo fundamental na organização e nas transformações de todos os seres da realidade. (Cf. SCHALL, James. *Doutrina e dignidade: de Hereges e Ortodoxia*. In: CHESTERTON, G. K. *Hereges*. Campinas: Ecclesiae, 2012. Posfácio, p. 280).

companheiro e um comandante divino [...]”<sup>56</sup>. O que o pensador britânico quer de verdade, é dizer que ninguém está sozinho, mesmo que o homem venha afirmar, que sua sociedade já está corrompida, e que todos são lobos uns dos outros. Por outro lado, via que os cristãos não estavam atentos ao senso comum, e sabia perfeitamente que seus inimigos que mostraram isso:

Nós, que somos cristãos, nunca nos demos conta do grande senso comum filosófico inerente àquele mistério, até que os escritores anticristãos nos chamaram a atenção. A grande marcha da destruição mental continuará. Tudo será negado. Tudo se tornará um credo. É razoável negar a existência das pedras da rua; será um dogma religioso declará-lo. É uma tese racional dizer que vivemos num sonho; será sanidade mística dizer que estamos acordados. Velas serão acesas para atestar que dois mais dois são quatro. Espadas serão empunhadas para provar que as folhas são verdes no verão. Ficaremos a defender não somente as virtudes e sanidades inacreditáveis da vida humana, mas algo mais inacreditável ainda: este imenso universo impossível que salta aos olhos. Seremos aqueles que olharão a grama e os céus impossíveis com estranha coragem. Seremos aqueles que viram e creram<sup>57</sup>.

As verdades se transformam em dogmas quando elas são desafiadas. E, mais uma vez é nítido observar, que o homem errante ensinou algo bom, que antes era desconhecido. Era necessário um choque de realidade ou uma correnteza, que pudesse levar ao conhecimento das pessoas, que o mundo passa por coisas e, muitas das vezes são despercebidas, e quando vão à procura de percebê-las, na verdade, nunca se esforçaram para aceitá-las. Somente o cristianismo foi capaz de dizer que isto é pequeno e aquilo é grande; “ninguém deseja ser perdoado por um grande pecado como se ele fosse pequeno [...], mas descobrir como é possível ser miserável sem tornar impossível a felicidade”<sup>58</sup>.

Seria para o homem errante um grande colapso e um enorme e indizível dissabor na civilização, buscar aquele velho homem bom, uma vez que a grande religião observou que a raça humana quando caiu, conheceu os dois lados da moeda, o bem e o mal. O fato do homem mergulhar em seu erro, pode marcar que a civilização caiu novamente, porém, só se conhece o mal, e sua permanência tem causado resistência em buscar a felicidade. A conclusão que este homem chegou, não foi a mais mirífica, ele começou a colocar avisos para dizer: o perigo é óbvio e a embriaguez leva até a morte<sup>59</sup>.

Os males do homem moderno podem ir contra muitos valores e ele esquece que sua felicidade – se é que se pode usar o termo “felicidade”, uma vez que o termo carrega um grande peso – não é igual ao que se pode considerar como evolução do homem. A queda consiste em tudo aquilo que vai por vias opostas, e tudo aquilo que vai sendo pintado de

---

<sup>56</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 96.

<sup>57</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 266.

<sup>58</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 127-128.

<sup>59</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B, p. 29.

preto, o quadro do artista Edvard Munch<sup>60</sup>, pode ser um grande exemplo dessa angústia e dor: para o cristianismo, o “homem deve ter fé suficiente em si para ter aventuras, e dúvida suficiente para se deleitar nelas”<sup>61</sup>.

Todos os homens podem sonhar com uma bela casa, essa casa o espera, e ele pode sonhar com a sua beleza e com a sua companhia; todos podem sonhar igualmente com essa bela casa, entretanto, não devem viver na mesma bela casa, a partir daí, não seria mais um sonho e, sim um grande pesadelo. Com ou sem esperança, o filósofo do senso comum já anunciava que, o homem pode beirar ou a loucura ou a sanidade, ser um santo ou cético, mas nunca os dois, ambos têm sua dignidade; mesmo que o homem venha colocar fogo em sua casa ou na sua pátria, sua casa o espera neste vasto universo. Portanto, concluímos este pensamento com as palavras de Chesterton: “o homem sempre foi pródigo em se perder; desde o Éden é um errante. Mas sempre soube, ou julgou saber, o que estava buscando. Todo homem tem um lar em algum lugar desse universo complexo; sua casa espera”<sup>62</sup>.

## Conclusão

Chegamos ao término destas reflexões que na sua profundidade deveriam começar. Não seria justo ou louvável, apenas sublinhar alguns traços sobre a nossa problemática do mal e o homem errante segundo Chesterton. É importante lermos e desenvolvermos com profundidade e cautela este assunto, que na sua natureza é bastante pertinente e muito chama a atenção da humanidade, ou seja, é necessário que todos estejam conscientes e preparados para conhecer e evitar, pois está no âmago de cada ser humano o princípio: *bonum faciendum, malum vitandum* – fazer o bem, evitar o mal. Não podemos esquecer, que o período em que se encontra um pensador é sua primeira influência, para se preocupar e se posicionar perante os efeitos em seu ambiente. Chesterton foi este homem e um exímio escritor que em seu tempo obteve e absorveu os acontecimentos, tenham sido eles bons ou maus.

---

<sup>60</sup> Edvard Munch (1863-1944) pintor e impressor norueguês que influenciou o expressionismo alemão no início do século XX. O quadro que se refere aqui consiste na obra “O Grito”, uma obra de arte que apresenta o sentimento de angústia. Pintada pela primeira vez em 1893, a tela foi ganhando três novas versões com o passar do tempo.

<sup>61</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018, p. 148.

<sup>62</sup> Cf. CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019A, p. 68.

Essas experiências de seu tempo foram o ponto de partida para seu desenvolvimento filosófico e teológico – lembrando que, Chesterton não é nem filósofo e nem teólogo formado academicamente, o que não exclui e nem empobrece suas teorias. A relevância desse tema é imensa e inquietante para qualquer pessoa. Quando nos foi apresentado o mal, já na modernidade, concluímos que todas as teorias coincidem nas suas contradições e na sua insanidade. E, podemos correr o seríssimo risco em salientar que ele foi um “participante” dessa loucura moderna. As nossas reflexões aqui desenvolvidas tiveram como objetivo apresentar o homem errante e o problema do mal, na visão de Chesterton. Ao concluir, não poderíamos nem pensar, ou ao menos exigir, de nosso raciocínio, um resumo de tamanho problema, que vem carregado de história e de muitas lutas. Analisar o mal na modernidade é uma verdadeira treva, que afetou e afeta a pouca sanidade que a humanidade tem. Pode-se concluir, que o mal na modernidade dá abertura a outros males, uns mais antigos, outros apenas se adaptaram ao estilo desse período. Nessa vertente, o combate para ser ortodoxo, ao invés de herege, poderia ser apenas um antagonismo conhecido e breve, porém, esse assunto liga outros males. Depois, por conta desse grave e grande mal na modernidade, passamos a falar do enlouquecimento das virtudes, um assunto que preocupou Chesterton.

O diálogo chamado por ele de *Diabolista*, cujo fato narrado marcou a sua vida, provavelmente fez com que ele refletisse sobre sua fé e, particularmente, a sua conversão e seus atos morais. Concluindo, usamos do homem errante e do cristianismo. O homem errante é aquele homem, cuja humanidade se habitua e se identifica num piscar de olhos. Mesmo assim, o cristianismo veio dizer ao mundo que ainda há salvação para todos e para o homem errante, a sua casa está aguardando o seu retorno.

Com essas considerações foi de suma importância estudarmos e analisarmos a problemática do mal, que ao longo do tempo foi sendo deixada de lado com o acréscimo de uma terrível falta de conhecimento, não apenas teológica, mas também numa visão mais filosófica, e no uso da literatura e da antropologia. Enfim, apresentar ao homem o quanto ele é errado e, do mesmo modo, que ele não é só vítima, mas também causador do mal que sofre.

## Referências

- AHLQUIST, Dale. *O pensador completo: A mente maravilhosa de G. K. Chesterton*. Minas Gerais: Edições Cristo Rei, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://amz.onl/c1tsf7y>. Acesso em: 03 ago. 2022.
- BROCKELMAN, Paul. *Cosmologia e criação: A importância espiritual da cosmologia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Tremendas Trivialidades*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2012. *E-book*: Disponível em: <https://amz.onl/0HpCIIno>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *O Defensor – Tipos Variados*. Campinas: Ecclesiae, 2015.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2018.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. 2. ed. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019A.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Campinas: Editora Ecclesiae, 2019B.
- DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.